

Trajetos: Museu do Percurso Negro e outras histórias

Pontos de interesse: O percurso que evoca a presença, a memória, o protagonismo social e cultural dos africanos e descendentes no Centro Histórico da cidade de Porto Alegre. O percurso em si tem 21 minutos de caminhada, mas recomendo passear e aproveitar cada ponto. A proposta é justamente ampliar um roteiro já conhecido como “Museu do Percurso do Negro”, realizado pela prefeitura de Porto Alegre.

Início: Praça do Tambor.

Fim: Mercado Público de Porto Alegre

Contexto: O percurso convida a seguir por territórios negros, tendo como base o roteiro do Museu do Percurso do Negro de Porto Alegre, projeto que busca visibilizar a comunidade afro-brasileira, a partir da instalação de obras de arte em espaços públicos da cidade e da realização de visitas guiadas por esse roteiro. Realizado a partir de uma pesquisa histórico-cultural sobre o Centro Histórico da cidade o projeto também resultou na publicação de um livro. Sugiro aqui que se siga, para territórios negros próximos desses locais, expandindo a visita até a cidade baixa, como a Ponte de Pedra, o Largo Zumbi dos Palmares e o Quilombo do Areal, incluindo esses locais você fica com 1h10 de caminhada. Nas proximidades há ainda a Praça Garibaldi, que também é um tradicional território negro. Mais informações: <http://museudepercursodonegro-empuertoalegre.blogspot.com/>, <https://www.instagram.com/arealbaronesa/>.

Autora: Elisa Algayer Casagrande, BIEV, Universidade Federal do Rio Grande do Sul







Praça do Tambor / Largo da Forca (Praça Brigadeiros Sampaio)

Minha sugestão é você começar com um café da manhã reforçado na Padaria Andradas e partir para a caminhada! A praça que hoje é popularmente chamada de Praça do Tambor, em homenagem ao monumento que recebeu no projeto Museu do Percurso do Negro, já foi o Largo da Forca, de 1830 a 1860, e foi palco de uma série de execuções. Conta-se que foi também um cemitério, talvez por ser uma área um pouco mais afastada do que se chamava de centro, mas ainda próxima. Hoje, ela oficialmente se chama Praça Brigadeiro Sampaio, mas já teve também vários outros nomes. A escultura é o primeiro marco desse roteiro oficial, em amarelo, composto por 12 figuras que repercutem a trajetória de um povo: dor, alegria, luta e perseverança. A obra foi criada pelos artistas Pelópidas Thebano, Marco Antônio dos Santos, Gutê, Adriana Xaplin e Leandro Machado. Mais sobre a praça: <https://litera.mus.br/lendas-urbanas-enforcamentos-em-porto-alegre-o-largo-da-forca/>

Igreja Nossa Senhora das Dores

Em 1807, a igreja começou a ser construída quando as águas do Guaíba ainda encostavam na Rua da Praia, antes dos aterros, e demorou quase 100 anos para ficar pronta. Construída com mão de obra escrava, antigamente em frente à igreja havia um pelourinho. Essa imponente edificação é cercada de histórias e lendas, como a do escravizado que foi culpado pelo roubo de uma das pedras da igreja e acabou morto. Suas últimas palavras teriam sido referentes à finalização da obra:

*Vou morrer porque sou escravo, mas vou morrer inocente.
A prova da minha inocência é que as torres da Igreja das
Dores nunca vão ficar prontas! - Pela injustiça, seu senhor
jamais veria o fim das obras das torres da igreja.*





Rua dos Andradas

Sugiro ao leitor uma caminhada lenta pela Rua dos Andradas, para apreciar seus prédios históricos, como a Casa de Cultura Mário Quintana e outros locais, além dos diversos sebos e bares, que convidam à boemia. Se tiver tempo e vontade, recomendo sempre subir e conhecer alguns locais da Casa de Cultura, como o café do piso mais alto e o jardim. A região como um todo é muito convidativa para um passeio. Observe as árvores, a mistura de arquiteturas de diferentes tempos, a sobreposição de tempos em um mesmo lugar, as igrejas e a rua, ainda feita de paralelepípedos. Na esquina logo antes de cruzar para a praça, olhe à esquerda, ali fica o Jornal Correio do Povo.

Praça da Alfândega

A praça seria um roteiro por si só. Originalmente conhecida como Largo da Quitanda, a praça, que surgiu no fim do século XVIII, antigamente era um largo aberto, com pouca vegetação e bancos, forma pela qual Jean-Baptiste Debret a representou – dizem que a partir de desenhos de um pupilo. Como era um local de entrada na cidade, a partir da água, construiu-se ali um paredão e uma escadaria, dando acesso ao rio. Desde 1955, a praça é palco da Feira do Livro de Porto Alegre, evento que em 2024 tem sua 70ª edição, e também é um centro de referência dos museus da cidade, uma vez que nela ficam o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o Memorial do Rio Grande do Sul e o Farol Santander.

Esquina democrática

A Esquina do Zaire ou Esquina Democrática é um dos principais pontos de reunião popular da cidade, formada pelo cruzamento da Rua da Praia e da Avenida Borges de Medeiros, o local tem uma importante função social e já foi palco de inúmeras manifestações políticas e culturais. A partir dos anos 70, o espaço foi firmado no imaginário popular, recebendo o nome atual na década de 80. Devido à sua importância histórica, a esquina foi reconhecida como patrimônio histórico da cidade em 1997. A partir de 1982, o local também começou a ser chamado de Esquina do Zaire, em homenagem à seleção africana do Zaire, como verificou o pesquisador Yosvaldir Bittencourt. O local também possui, nas suas ruas laterais, vários bares que são frequentados pela população local. A Avenida Borges de Medeiros recebe, todos os anos, a Descida da Borges, tradicional desfile das escolas de samba da cidade como a abertura do carnaval.

Mercado Público, Paço Municipal e Largo Glênio Peres

Inaugurado em 1869, o Mercado Público já era local de comércio na rua antes de sua construção. É o mais antigo do Brasil e tem mais de cem estabelecimentos. Teve uma remodelação que foi finalizada em 1997, passou por seu quarto incêndio em 2013 e pelas enchentes de 1941 e 2024, além de outras inundações menores. Composto por bancas de todo tipo, com floras, lojas e bancas de alimentação, incluindo a banca 40 e sua tradicional salada de frutas com sorvete, restaurantes e área de lazer, em seu centro há um monumento e um assentamento de Bará. O assentamento divide opiniões sobre sua forma e origem, e sugiro assistir ao documentário A Tradição do Bará do Mercado para entender sua importância para a cidade de Porto Alegre. Patrimônio histórico-cultural da cidade desde 2020, ele fica num cruzeiro, no meio do mercado, local de movimento e troca, e recebe todos os dias homenagens, saudações, balas de mel e moedas dos que passam por ali. Mais de 700 pessoas passam todos os dias no Mercado Público de Porto Alegre. Aproveite a região, entre no Paço Municipal, agora chamado de Pinacoteca Aldo Locateli, ande pelo Largo Glênio Peres e pare na banca de frutas, que já foi um trapiche, onde chegavam mercadorias e onde também trabalhava a população negra.

No momento desta escrita, a cidade de Porto Alegre está em processo de limpeza da maior parte de suas ruas atingidas por uma das maiores enchentes de sua história, com o Guaíba retornando para o nível abaixo da cota de inundação no Cais Mauá depois de quase 30 dias. Ainda há zonas da cidade com inundação e alagamentos, como os bairros Sarandi e Humaitá. Nos locais que citei neste roteiro, a água baixou e, em sua maioria, já foi drenada. Restam agora as marcas do atingimento da enchente. Nas fotos abaixo, a marca do nível atingido pelas águas no Mercado Público, a água baixando na Casa de Cultura Mário Quintana, localizada na Rua dos Andradas, mostrando a marca de quando estava ainda alta, e a inundação ainda na Praça da Alfândega.











